Aula

10

A POESIA BRASILEIRA SIMBOLISTA

META

Fazer o estudo da poesia brasileira simbolista discutindo sua contribuição para a cultura brasileira

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
realizar leitura crítica de poemas de Cruz e Souza, Alphonsus de Guimaraens e Augusto dos Anjos.
discutir a contribuição da literatura brasileira simbolista para a cultura brasileira
produzir estudo da composição de poemas simbolistas brasileiros.

PRÉ-REQUISITOS

Releitura das aulas 7, 8 e 9.
Leitura do curso de Teoria Literária – livro 1 do Cesad – prof. Antonio Cardoso Filho
Leitura de textos sobre o simbolismo disponível no site:

Caricatura representando Cruz e Souza, poeta simbolista brasileiro.
(Fonte: http://3.bp.blogspot.com)

INTRODUÇÃO

O Simbolismo reuniu pessoas que não se identificavam com o materialismo "vivido" pela sociedade moderna e industrial e que pensavam que os ideais dessa civilização não trazem felicidade nem solução para os problemas humanos. Essas pessoas estavam fora do processo econômico e tecnológico industrial, e crentes de que nem a linguagem era capaz de representar a realidade, buscavam outra maneira de compreender e exprimir o mundo, mais especialmente, o mundo interior, aquilo que os interesses materiais não podem ver. Assim, os simbolistas foram em busca de novos recursos para a prática de fazer poesia: adotaram a sugestão das coisas, em vez da apresentação clara delas, as correspondências, forma de aproximar o misterioso, o místico para explicar a realidade vivenciada em dimensões não materiais do mundo espiritual, do mundo interior, do inconsciente, da loucura... É uma poética centrada na subjetividade e traz uma concepção idealista do mundo. A espiritualidade, a religiosidade e o sonho são suas fontes de inspiração e por não acreditarem nas conquistas materialistas e racionais do mundo moderno são chamadas de "decadentes", porque negavam os valores da sociedade burguesa.

Os poetas simbolistas desejavam que a arte fosse um modelo para a vida (idealismo). Queriam uma arte universal, capaz de transcender a realidade histórica e social, o oposto do Realismo que se concentrou no presente histórico e na observação da realidade. No Brasil os poetas que cultivaram o estilo não fugiram a essa regra: partiam de uma realidade particular que transformavam em algo que pretendia representar as dores do mundo. Reuniam técnica parnasiana de cultivar a forma e temática romântica da expressividade do eu.

Capa da obra *As flores do mal*, de Baudelaire.
(Fonte: http://www.critique-livre.fr)

A POESIA SIMBOLISTA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A CULTURA BRASILEIRA

O Simbolismo representa uma reação contra o cientificismo. Os poetas puseram em dúvida a capacidade da ciência de explicar todos os fenômenos relacionados ao homem. Não acreditavam no progresso social prometido pela ciência, nem no conhecimento positivo proposto pelo positivismo.

O estilo simbolista se aproxima do estilo romântico e rejeita o Realismo-Naturalismo. E apesar de utilizar alguns procedimentos da técnica parnasiana, opõe-se também ao Parnasianismo.

Para facilitar a compreensão do estilo simbolista vejamos o conceito de símbolo:

"O símbolo é uma síntese espiritual e emotiva; contém por isso um extraordinário potencial evocador."

(PADUA, Antônio de. A margem do estilo de Cruz e Sousa. In: Cruz e Sousa. Seleção de textos de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, p. 2007.)

Para o filósofo Bergson, o símbolo se origina da necessidade de exprimir o inefável. Só o símbolo pode dar forma aos anseios obscuros, às percepções indistintas dos sentidos mórbidos e extremos. Símbolo é o que, por convenção, representa outra cousa.

Na verdade a literatura, assim como a linguagem, é simbólica, mas o Simbolismo tomou o símbolo como elemento estruturante, assim como fez o Realismo com a metonímia, o Romantismo com a metáfora, o Barroco com a antítese e o Classicismo com o paradoxo.

Caro aluno, observe como o professor Afrânio Coutinho explica a essência do simbolismo

SIMBOLISMO E DECADENTISMO

A poesia universal é toda ela na essência simbólica. Os símbolos povoam a literatura desde sempre. [...] Todavia, ao longo da década de 1890, desenvolveu-se na França um movimento estético a princípio apelidado "decadentismo" e depois "Simbolismo". Por muitos aspectos ligados ao Romantismo e tendo tido berço comum com o Parnasianismo, o Simbolismo gerou-se como uma reação contra a fórmula estética parnasiana, que dominara a cena literária durante a década de 1870, ao lado ao Realismo e do Naturalismo, defendendo o impessoal, o objetivo, o gosto do detalhe e da precisa representação da natureza [...].

Posto não constituísse uma unidade de métodos, antes de ideais, o Simbolismo procurou instalar um credo estético baseado no subjetivo,

no pessoal, na sugestão e no vago, no misterioso e ilógico, na expressão indireta e simbólica. Como pregava Mallarmé, não se devia dar nome ao objeto, nem mostrá-lo diretamente, mas sugeri-lo, evocá-lo pouco a pouco, processo encantatório que caracteriza o símbolo.

(COUTINHO, Afrânio. Introdução à literatura no Brasil. 10ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. p. 214-215.)]

A utilização do símbolo na poética simbolista se configura no uso da sugestão - a poesia sugere em vez de dizer diretamente as coisas; da representação e da evocação; da magia, do misticismo e do inconsciente. Aliás, uma meta dessa poesia é trazer para o consciente o mundo do inconsciente, e procura conseguir isso por meio do recurso das correspondências sonoras, auditivas, visuais (das cores). Na sequência de análise dos poemas, veremos com clareza essas questões.

Correspondências

A Natureza é um templo onde vivos pilares
Deixam sair às vezes palavras confusas:
Por florestas de símbolos, lá o homem cruza
Observado por olhos ali familiares.

Tal longos ecos longe onde lá se confundem
Dentro de tenebrosa e profunda unidade
Imensa como a noite e como a claridade,
Os perfumes, as cores e os sons se transfundem,

Perfumes de frescor tal a carne de infantes,
Doces como o oboé, verdes igual ao prado,
- Mais outros, corrompidos, ricos, triunfantes,

Possuindo a expansão de um algo inacabado,
Tal como o âmbar, almíscar, benjoim e incenso,
Que cantam o enlevar dos sentidos e o senso.

(Charles Baudelaire, in: José Lino Grunewald, org. e trad. Poetas franceses do século XIX. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991. p. 59.)

Este poema tornou-se uma espécie de modelo de inspiração da técnica de poesia simbolista: expressar sensações inteiras por meio da linguagem verbal, aproximando campo sensoriais diferentes – a sinestesia: os perfumes (o cheiro), as cores (a visão), os sons (a audição). São três sensações diferentes que "se transfundem", como diz o poema.

Relendo a 1ª estrofe do poema, compreende-se que o poeta se refere à arte literária com as expressões "floresta de símbolos", "algo inacabado," criando uma sensação do vago, do fluido e do impreciso, e os substantivos (florestas, pilares, noite, unidade, ecos, perfumes) e adjetivos (vivos, imensa, corrompidos, verdes, inacabado) contribuem para reforçar a ideia de fluidez do texto. Assim é a linguagem da poesia simbolista: sugestiva, musical, sinestésica e de difícil acesso a leitores que não tiverem conhecimento dos princípios dessa poética. No entanto, isso não impede que se leia o poema com prazer, usufruindo agradável sensação, de sua sofisticada linguagem.

O poema Correspondências de Baudelaire procura estabelecer relações entre o mundo real e o que transcende o real, por meio de termos vagos, imprecisos, por meio da sugestão de outra realidade; por meio das palavras perfumes, enlevar, vivos, símbolos, confusos, triunfantes, cores, sons, expansão... É uma poesia subjetiva, porque impõem uma visão muito pessoal das coisas: sugere o que quer e o leitor que entenda o que é dito. Os adjetivos confusos, triunfantes, inacabado, tenebrosa, profunda, corrompidos promovem a subjetividade, pois o adjetivo é um atributo que o sujeito (indivíduo) confere aos seres.

O verso: "Os perfumes, as cores e os sons se transfundem" é uma forma de expressar sensações interiores por meio da linguagem verbal. A esse recurso se dá o nome de sinestesia. Isso ocorre pela aproximação de campos sensoriais diferentes (perfumes: olfato, cores: visão, sons: audição). É uma forma de sugerir estados de alma do sujeito; não diz exatamente o que sente, a penas sugere que sente.

Os simbolistas utilizavam o recurso gráfico da letra maiúscula, transformado-a em letra significativa para o sentido do poema; e o poeta *Rimbaud* chegou a estabelecer correspondências entre as letras (vogais) e as cores, no poema Voyelles.

São características do estilo:

- Musicalidade: poesia e música.

O poeta Verlaine, no poema Arte Poética, defende que em poesia a

música é fundamental:

A música antes de qualquer coisa,
E para isso prefere o ímpar,
Mais vago e mais solúvel no ar,
Sem nada nele que pese ou que pouse.
(Paul Verlaine)

- Imprecisão: o culto do vago, do impreciso, pela técnica da sugestão.
- Subjetivismo: busca de um eu subconsciente e inconsciente e dos estados da alma. Importa a visão do individuo sobre a realidade.
- Misticismo e espiritualismo: busca de um mundo ideal, que talvez só pela poesia se possa alcançar.
- Culto da forma: como no Parnasianismo, o poeta simbolista apresenta grande preocupação com a forma.
- Sentimento de nulidade da existência e pessimismo.
- Transcendência e sonho: busca de uma realidade nova, fora do mundo real (no sonho, por exemplo).
- Sugestão: as palavras sugerem a realidade e não a nomeiam.

O poeta Mallarmé considera que ao nomear as coisas perdem-se três quartos de prazer do poema. Tudo deve ser sugerido no poema, para se ter o gosto de ir descobrindo aos poucos, o seu sentido. O poeta dá toda

Retrato do poeta Mallarmé pintado por Manet

importância ao enigma em poesia (o mistério) isso se consegue sugerindo...

A técnica de fazer poesia simbolista apresenta alta elaboração estética, criando uma forma poética elitizada, que chegou a afastar o leitor comum dessa produção poética, porque é preciso ter uma iniciação em estudos da técnica simbolista para ler bem essa poesia, que se afastou do cotidiano popular e defendeu o ideal esteticista da "arte pela arte" como fez o Parnasianismo.

Os Simbolistas propunham uma arte baseada na expressão de es-

tados emocionais e subjetivos, ilógicos, misteriosos. Rejeitaram a razão e a lógica adotada pelo estilo parnasiano e adotaram em seu lugar a intuição. Para os parnasianos os poetas simbolistas eram nefelibatas (aqueles que vivem nas nuvens), por eles não aceitarem as propostas positivistas. Mas os simbolistas assim como os românticos queriam exprimir:

> [“...o desgosto das soluções racionalistas e mecânicas... ambos recusam-se a limitar a arte ao objeto, à técnica de produzi-lo a seu aspecto palpável, ambos em fim, esperam ir alem do empírico e tocar com a sonda da poesia um fundo comum que susteria os fenômenos, chame-se Natureza, Absoluto, Deus ou Nada.”
> (BOSI, Alfredo; **História concisa da literatura brasileira**. 34 edição. São Paulo: Cultrix, 1994. p.263)]

Desencantados dessa vida real (social, política, econômica) os simbolistas produziram uma poesia pessimista orientados pela filosofia do momento, que questionava a realidade do pensamento cientifico-mecanicista. O filosofo Herbert Spencer busca o que escapa à explicação das ciências experimentais e Arthur Schopenhauer desenvolve um irracionalismo pessimista. Considerava possível a libertação da vontade humana através de um estado estético puro. Eduard Von Hartmann radicalizou o pessimismo e defendeu que a humanidade cansou de querer, e agora deseja voltar ao nada original e que a alma do mundo seria o espírito inconsciente. Friedrich Nietzsche com suas teorias de anarquia formal influenciou o Futurismo, corrente estética do século XX.

Veja na caixa de texto o que diz o crítico Erich Auerbach sobre como

O SIMBOLISMO E O TÉDIO DA CIVILIZAÇÃO MODERNA

Ao mesmo tempo, e em intima relação com o movimento dos parnasianos, o culto da sensação evolui de outra maneira, vem mais interessante; alguns poetas, experimentando conhecidas ou pelo menos inexpressas sensações, sugeridas amiúde pelo tédio da civilização moderna e pelo seu sentimento de expatriação no seio dela, e não encontrando mais, nas formas usuais de linguagem poética, instrumentos começavam a modificar profundamente a função da palavra em poesia. Essa função é dupla, e o foi em todos os tempos: em poesia, a palavra não é somente o instrumento da compreensão racional, tem outrossim o poder de evocar sensações.
(Erich Auerbach. Introdução aos estudos literários. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1972. p. 240-241.)

Charles Baudelaire

poeta francês de atitudes rebeldes e temas frívolos. Fundiu opostos existenciais como o sublime e o grotesco. Em 1847, lançou La Fanfarlo, seu único romance. Em seguida publicou: As Flores do Mal; Pequenos Poemas em Prosa; O Princípio Poético; Ópio e Haxixe e Os Paraísos Artificiais.

o Simbolismo expressa o sentimento geral de desencantamento do homem da modernidade.

Na França o estilo simbolista começa com o poeta **Charles Baudelaire** que já vinha do estilo parnasiano. Sua obra As Flores do Mal (Les Fleurs du Mal) tanto exprime o aspectos do estilo parnasiano como do Simbolismo, e influenciou a poesia francesa do período. No Brasil essa influência atingiu mais a parte formal, que é o que há de comum entre o Simbolismo e o Parnasianismo.

Os poetas Stéphane Mallarmé, Verlaine e Rimbaud, junto com Baudelaire são os maiores nomes do Simbolismo na França.

O SIMBOLISMO NO BRASIL

Inicia-se o simbolismo no Brasil com a publicação de *Broquéis* (poesia) e *Missal* (prosa) de **Cruz e Sousa** em 1893, e segue três orientações:

a) A humanístico-social de Cruz e Sousa continuada por Augusto dos Anjos

b) A místico-religiosa, com Alphonsus de Guimarães. Centrado no catolicismo, aborda aspectos litúrgicos.

c) A intimista-crepuscular: intimismo, temas do cotidiano, sentimentos melancólicos, gosto pela penumbra e pelo crepúsculo, evocação, sugestão, mistério. O poema traz um ritmo mais liberado, esquemas mais flexíveis. Essa tendência literária teve caráter poético.

Os poetas brasileiros simbolistas observaram o mal-estar europeu do final do século XIX. No Brasil, a insatisfação dos intelectuais se devia ao desencanto diante de uma República que se distanciou dos ideais democráticos. Em 1893, com a publicação da obra Broquéis, de Cruz e Sousa, a literatura (poesia) aponta para novos rumos na trajetória literária brasileira.

Cruz e Souza
(1861-1898) Nasceu em Florianópolis, estudou no Liceu Provincial de Santa Catarina. Suas únicas obras publicadas em vida foram Missal e Broquéis.

Vários poetas apareceram nesse momento de questionamento dos valores do Cientificismo e do Realismo, mas dois deles ganharam destaque no cânone literário: Cruz e Sousa e Alphonsus de Guimaraens. O primeiro, era negro filho de pais libertos e criado por brancos, em Santa Catarina; o segundo era mineiro e produziu uma poesia voltada para o misticismo e a religiosidade. Mas não pode ficar de fora de referência um grande poeta do período que não aderiu especificamente a um grupo, ou a uma escola. Éo poeta paraibano Augusto dos Anjos. Este poeta fez uma poesia diferente de qualquer outra: conseguiu compor uma obra fazendo confluir aspectos do

estilo romântico, do realista e do simbolista. Compôs um estilo próprio, inconfundível, e quase sempre é integrado pela história da literatura brasileira, ao período pré-modernista.

A poesia de Cruz e Sousa adotou o símbolo como base estrutural e estabelece correspondências entre as cores, os sons e os estados sensoriais da alma fundindo os campos semânticos. Veja antes a chave do simbolismo das cores: branco →(lírio), pureza; azul → sonho, alegria mística; vermelho → luxúria (prazer), luta; amarelo → angústia, tédio; roxo → tristeza e negro (preto) → dor, sofrimento.

Agora observemos alguns exemplos da linguagem poética de Cruz e Sousa:

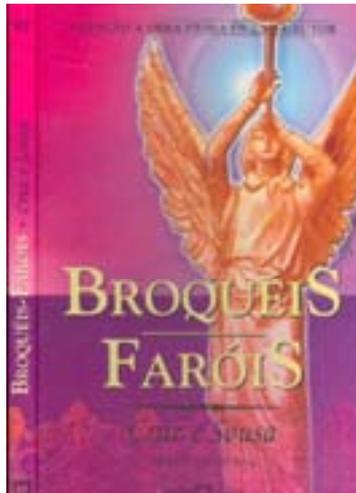
"Volúpia branca dos campos"; "Asas brancas de clemência"; "Vermelhas orgias"; "Paixão purpúrea"; "Tédio amarelo"; "O rio roxo e triste, ó rio morto"; "Cruzes negras do tédio"; "O vinho negro do imortal pecado"; "És chama do amor, negro-vermelha".

ANÁLISE DE POEMAS

Faremos uma breve apresentação da poesia desses poetas, começando por Cruz e Sousa, que no Brasil, transformou-se em símbolo da poesia simbolista, consagrado pelos de sua época e posteriores. Em geral, a obra de Cruz e Sousa caracteriza-se por sugerir a realidade, em vez de narrá-la ou descrevê-la. Utiliza frases aparentemente desarticuladas (mas forma um nexo, um sentido. São superpostas); sua poesia cria mundos indefinidos, onde o leitor não se reconhece, porque é tudo muito vago e estranho. Linguagem fluida, sinestésica, imagética.

São características de sua poesia (em verso ou em prosa):

- Linguagem fluida, sinestésica
- Imagens originais nas quais se mesclam o claro e o escuro
- O trabalho com os sons
- Efeitos sensoriais (sinestesias)
- Culto do vago, do sonho e da loucura
- Culto da sugestão

- Utilização poética do símbolo
- Musicalidade
- Referência à sexualidade

Capa de Broquéis e Faróis

A obra Faróis intensifica o trabalho com a cor e com o tom musical, solene e triste, ao lado de cantos nostálgicos.

Observemos o poema Violões que choram e seus recursos formais (assonâncias, repetições, aliterações), aliados ao alto lirismo – procedimento de subjetivação da realidade.

Violões que choram...

Ah! Plangentes violões dormentes, mornos,
Soluços ao luar, choros ao vento...
Tristes perfis, os mais vagos contornos,
Bocas murmurejantes de lamento.

Noites de além, remotas, que eu recordo,
Noites da solidão, noites remotas
Que nos azuis da Fantasia bordo,
Vou constelando de visões ignotas.

Sutis palpitações à luz da lua,
Anseios dos momentos mais saudosos,
Quando lá choram na deserta rua
As cordas vivas dos vilões chorosos
Quando os sons dos violões vão soluçando,

Quando os sons dos violões nas cordas gemem,
E vão dilacerando e deliciando,
Rasgando as almas que nas sombras tremem,

Harmonias que pungem, que laceram,
Dedos nervosos e ágeis que percorrem
Cordas e um mundo de dolências geram
Gemidos, prantos, que no espaço morrem...

E sons soturnos, suspiradas mágoas,
Mágoas amargas e melancolias,
No sussurro monótono das águas,
Noturnamente, entre ramagens frias.

Vozes veladas, veludosas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vórtices velozes
Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas.

Tudo nas cordas dos violões ecoa
E vibra e se contorce no ar, convulso...
Tudo na noite, tudo clama e voa
Sob a febril agitação de um pulso.

Que esses violões nevoentos e tristonhos
São ilhas de degredo atroz, funéreo,
Para onde vão, fatigadas do sonho,
Almas que se abismaram no mistério.

(CRUZ E SOUZA. **Poesias completas**. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d. p. 50-51.)

Através do uso de vocábulos e expressões como noites da solidão, azuis da fantasia, sonho, ventos, noturnos, palpitações registra-se o culto do vago, e por meio das palavras dormentes, chorosos, tristonhos, por exemplo, cria-se uma imagem melancólica pela prosopopéia ou personificação.

A poesia explora os sons das palavras, que pelo trabalho poético ganham poeticidade. Os sons dos violões são sugeridos pela aliteração do fonema /V/, na 7ª estrofe, "Vozes veladas, veludosas vozes,"

A visão pessimista que o poema desenvolve fica mais explícita na última estrofe, e os sons dos violões são refúgio das almas fatigadas. O título do poema ("Violões que choram") exprime a "dor do mundo", a dor de existir, associada aos sons dos violões.

A poesia de Cruz e Sousa não faz apenas o culto das sonoridades; ela é também um grito de dor de um eu individual que sofre e de um eu coletivo que exprime as dores do mundo. Vamos ver como isso ocorre no poema Acrobata da dor.

Acrobata da dor

Gargalha, ri, num riso de tormenta, (6-10)
Como um palhaço, que desengonçado, (4-8-10)
Nervoso, ri, num riso absurdo, inflado (4-8-10)
De uma ironia e de uma dor violenta. (4-8-10)

Da gargalhada atroz, sanguinolenta, (6-10)
Agita os guizos, e convulsionado (4-8-10)
Salta, gavroche, salta clown, varado (4-8-10)
Pelo estertor dessa agonia lenta... (4-8-10)

Pedem-se bis e um bis não se despreza! (6-10)
Vamos! Retesa os músculos, retesa (6-10)
Nessas macabras piruetas d'aço... (4-8-10)

E embora caias sobre o chão, fremente, (4-8-10)
Afogado em teu sangue estuoso e quente (6-10)
Ri! Coração, tristíssimo palhaço. (6-10)

(CRUZ E SOUZA. **Obra completa**. Rio de janeiro: José Aguilar, 1961.)

A seleção vocabular privilegiando palavras como extertor, agonia, sanguinolenta, dor, nervoso, fremente, sangue, afogado, convulsionado, formam, um campo semântico relativo ao sofrimento, à angustia.

O poema tem a forma do soneto e utilizou os mesmos procedimentos poéticos adotados pelo Parnasianismo. O culto da forma permanece e se intensifica trabalhando os sons, obtendo sonoridades especiais das cadeias sonoras – as aliterações.

"Vamos! Retesa os músculos, retesa " (s, s, s, s, s, s)

Vejamos como se comportam poeticamente determinadas consoantes: r e rr vibram sugerindo o sentimento de angústia e sofrimento.

Gargalha, ri, num riso de tormenta,

A repetição em cadeia de g constrói uma sonoridade que sugere o engasgo do soluço. A cadeia sonora do t e do d sugerindo a exploração da dor, e as sonoridades criadas pelos s associando o poema à música, e estabelecendo

correspondências entre os sons musicais e as expressões da alma.

Segue o poema a tradição clássica da poesia: esquemas estróficos, rímicos, rítmicos: sempre o 1º verso da 1ª, 2ª estrofes apresenta ritmo que alterna tonicidade poética entre a 6ª e a 10ª silaba, e os demais versos entre a 4ª, 8ª e 10ª sílaba. A 3ª estrofe apresenta tonicidade na 6ª e na 10ª sílabas nos dois 1º e 2º versos, e tônicas nas 4ª, 8ª e 10ª no 3º verso. A 4ª. estrofe tem 3 versos. O 1º tem tônicas na 4ª, 8ª e 10ª sílabas, e o 2º e 3º versos apresentam tônicas na 6ª e na 10ª sílabas.

Essas alternâncias sonoras conferem ao poema um caráter rítmico que o aproxima da música.

Da obra Broquéis esses versos do poema "incensos" parecem soprados pela sensualidade em que anseios e sentimentos vagos não se diluem em abstrações:

Relembrando turíbulos de prata,
Incensos aromáticos desata,
Teu corpo ebúrneo, de sedosos flancos.
("Incensos")

Nessa outra estrofe do poema "sinfonia do Ocaso", o poeta explora os sons /SS/, /S/ para construir uma alta musicalidade do poema:

Musselinosas como brumas diurnas
Descem do ocaso as sombras harmoniosas,
Sombras veladas e musselinosas
Para as profundas solidões noturnas.
(Sinfonias do Ocaso)

O poeta vale-se das correspondências sinestésicas para sugerir, por associação ou por analogia, pois a coisa sugerida carrega uma carga sensorial que o objeto representado não consegue.

A obra Missal é poema em prosa, ou prosa poética, e segundo a crítica especializada é onde o poeta melhores efeitos de musicalidade consegue obter dos sons das palavras; o poeta fabricava sensações: sua poesia é uma "maquina de sonoridades".

Na questão temática, o tema do amor, da morte e do emparedado são constantes em sua poesia. O Amor se revela (sugere) em palavras como "vida", "ternura", "piedade", "fecundidade", "sol", "luz". A Morte é sugerida em "solidão", "noite", "infinito", "luto", "treva" e "inferno".

A obra Evocações desenvolve o tema do Emparedado, em que o poeta se identifica com o emparedado e onde reproduz sua revolta contra os condicionamentos sociais, especialmente o preconceito de cor (raça) que sofreu e que tentou superar com sua arte. Uma linha de crítica contemporânea cobra de sua poesia um ataque direto a esse problema social. Mas o poeta tinha optado pela técnica da sugestão...

A cor, na poesia de Cruz e Sousa, tem lugar destacado, especialmente

o branco e suas gradações. Além do uso de letras maiúsculas que realçam a indeterminação do real.

Vejamos uma estrofe do poema Antífona, em que esta característica está muito presente:

Ó Formas alvas, brancas, Formas claras
De luares, de neves, de neblinas!...
Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas...
Incensos dos turíbulos das aras...

Alguns críticos acham que esse gosto pela cor branca é um modo de compenssar o desgosto de ter a cor escura e por isso sofrer preconceito racial. Mas sabemos que é próprio do estilo simbolista o cultivo da cor. O poeta pode ter-se identificado com o estilo, a ponto de ao mesmo tempo que absorve o Simbolismo francês, criar um Simbolismo brasileiro, que dialogava com o europeu sem se confundir com ele. Mais, afastando-se dele, em alguns casos ao criar uma poética particular, bem pessoal, bem própria do poeta Cruz e Sousa.

Alphonsus Guimaraens

Nasceu em Minas Gerais. Cursou engenharia mas não chegou a se formar. Escreveu: *Setenário das Dores de Nossa Senhora* (1899); *Câmara Ardente* (1899); *Dona Mística* (1899);*Kyriale* (1902); *Pauvre Lyre* (1921); *Pastoral aos crentes do Amor e da Morte* (1923) *e Mendigos* (1920).

A POESIA DE ALPHONSUS DE GUIMARAENS

Agora faremos uma leitura simplificada da poesia de **Alphonsus de Guimaraens**. Vamos ter o prazer de ler e ouvir (nele, poesia é musica) versos doidos e amorosos, vindos de uma alma que encontrou sua paz na poesia. A orientação místico-religiosa da poesia simbolista no Brasil é representada pelo poeta mineiro Alphonsus de Guimaraens. No aspecto formal sua poesia manteve os traços do estilo parnasiano, especialmente no soneto, gênero de composição poética que representa 60% de sua obra. Quanto à temática, sua poesia desenvolve a ideia da morte, além da ideia da velhice, do amor e da saudade.

Examinando o poema Catedral verificamos que é constituído de 4 estrofes, cada uma delas seguida do refrão (estrofe de 2 versos: dístico) que se repete ao final da estrofe, formada de 6 versos (sestilha). O 2º verso do refrão "Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!" concentra a força lírica na pessoa do poeta, ao evocar e repetir seu próprio nome.

A catedral

Entre brumas ao longe surge a aurora,
O hialino orvalho aos poucos se evapora,
Agoniza o arrebol.
A catedral ebúrnea do meu sonho aparece
Aparece na paz do céu risonho
Toda branca ao sol.

E o sino canta em lúgubres responsos:
"Pobre Alphonsos! Pobre Alphonsos!"

O astro glorioso segue a eterna estrada.
Uma áurea seta lhe cintila em cada
Refulgente raio de luz.
A catedral ebúrnea do meu sonho,
Onde os meus olhos tão cansados ponho,
Recebe a benção de Jesus.

E o sino clama em lúgubres responsos:
"Pobre Alphonsos! Pobre Alphonsos!"

Por entre lírios e lilases desce
A tarde esquiva: amargurada prece
Põe-se a lua a rezar.
A catedral ebúrnea do meu sonho
Aparece na paz do céu tristonho
Toda branca de luar.

E o sino chora em lúgubres responsos:
"Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"

O céu é todo trevas: o vento uiva.
Do relâmpago a cabeleira ruiva
Vem açoitar o rosto meu.
A catedral ebúrnea do meu sonho
Afunda-se no caos do céu medonho.
Como um astro que já morreu.

E o sino geme em lúgubres responsos:
"Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"

(GUIMARAENS, Alphonsus de. **Poesia**. Rio de Janeiro: Agir, 1963.)

Observando a temática, podemos ver que cada estrofe relaciona-se a uma fase da vida e a uma etapa do dia, por sugestão, constituindo assim uma alegoria, pela sucessão de símbolos. Assim, a 1ª estrofe representa a infância e a manhã; a 2ª estrofe, a mocidade e o meio-dia; a 3ª estrofe, a maturidade e o entardecer; a 4ª estrofe, a velhice e a noite.

A catedral é figura alegórica que representa (por sugestão) a morte que

segue a velhice. A identificação do poema à vida do poeta vem sugerido no refrão e na associação ao sino que canta, clama, chora, geme, pela forma como as palavras se articulam no verso: a figura da gradação.

No poema a realidade é sugerida e não expressa diretamente. Alphonsus de Guimaraens escreveu uma poesia sombria e desolada, explorando os símbolos de solidão, recolhimento e contemplação. Não se interessou pela claridade do sol, mas pela noturnidade da lua, figura marcante na sua poesia, símbolo, também de espiritualidade e contemplação. O eu poético sente tranquilidade no luar e a noite o pacifica:

"meus exílios de amor! Pressago e vago
Sonho de luares brancos em que vejo
O alvo cisne que vai beirando um lago..."
("Pulchra ut Luna" III, Dona Mística)

E esta quadra, As Canções da obra *Pastoral*

"A noite é paz, é guerra o dia...
Eu amo o luar, desprezo o sol...
Minha alma é como a cotovia,
Minha alma é como o rouxinol."

Augusto Anjos

Nasceu na Paraíba em 1884. Seu único livro, "Eu", foi publicado em 1912. Augusto dos Anjos tornou-se um dos poetas mais lidos do país.

A temática da cor está relacionada ao tema da noite e da lua. O efeito sinestésico é obtido pela convergência das sensações visuais, auditivas e táteis:

"Eu sinto o teu olhar verde-esperança,
Que tem o cheiro, o som e o tom das primaveras
Nada murmura a quem de mirá-lo se cansa..."

(GUIMARAENS, Alphonsus de. As Canções, XLIII. *Pastoral*)

E assim vimos uma pequena mostra da produção poética deste escritor que exprimiu na poesia situações da própria vida.

A POESIA DE AUGUSTO DOS ANJOS

O nada e a Arte nutrem a obra de **Augusto dos Anjos**, e ela está preocupada com a liberdade da criação poética. Vemos em sua linguagem o desejo de questionar o processo costumeiro de fazer poesia. (uma poesia que cultiva o tema da morte e da doença. Com uma linguagem carregada de vocábulos científicos e por um agudo pessimismo, que por um lado agride

a visão de mundo harmonioso das elites do final do século XIX e começo do XX, e por outro atrai leitores como poucos poetas têm conseguido atrair. Talvez pelo caráter polêmico de sua poesia, que utiliza a linguagem do cientificismo opondo a ele uma angústia existencial que o diferencia daqueles princípios.

A utilização de procedimentos poéticos absorvidos do Parnasianismo e do Simbolismo leva-nos à tentação de filiá-lo a esses estilos literários, no entanto sua poesia tem um estilo próprio que não se identifica com nenhum deles. Recebe influência de cientificismo do momento, mas não para fazer o culto da ciência e sim para construir uma imagem alegórica.

Uma figura de linguagem que expõe uma realidade para, através disso, falar de outra realidade. Encobre uma realidade para em seguida revelá-la mais viva e verdadeira, pela poesia.

Utiliza termos científicos do Monismo e do Evolucionismo para discutir o processo criador em arte (poesia). Submete a criação poética a uma reflexão filosófica: a realidade "precisa" ser destruída naturalmente, e enquanto isso acontece, uma nova forma de real se constitui, pela transformação da realidade anterior, renovada pela luz da elaboração artística. O poeta toma a figura de uma cidade "doente" (de Lázaro, leprosa, fétida, destruída). Numa leitura alegórica, podemos ver uma cidade doente socialmente, politicamente, moralmente mentalmente.

Os Doentes

Como uma cascavel que se enroscava,
A cidade dos Lázaros dormia...
Somente, na metrópole vazia,
Minha cabeça autônoma pensava!
Mordia-me a obsessão má de que havia,
Sob os meus pés, na terra onde eu pisava,

Um fígado doente que sangrava
E uma garganta de órfã que gemia!
Tentava compreender com as conceptivas
Funções do encéfalo as substancias vivas
Que nem Spencer, nem Haeckel compreenderam...
E via em mim, coberto de desgraças,
O resultado de bilhões de raças
Que há muitos anos desapareceram!

(ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. São Paulo: Martim Claret,

2004, p.65.)

A poesia de Augusto dos Anjos segue a matriz temática da poesia de Baudelaire: a miséria da carne em putrefação. Da mesma forma que o poeta Francês vê a cidade de Paris com suas doenças sociais: a exploração do operariado, o descaso com os velhos, o abandono do mendigo catador de lixo nas ruas, a prostituta explorada, o bêbado desamparado. São essas as figuras poéticas de Baudelaire, e sua participação nesse universo de destruição de valores como a obra de Augusto dos anjos: os dois poetas estão aí como observadores da realidade. São "cabeças" pensantes, não manipulados pelas condições do momento histórico, por isso podem refletir sobre ele.

Mas o que importa mesmo é o processo criador na poesia de Augusto dos Anjos, que alia essas situações temáticas a uma confluência de estilos. Parnasianismo e Simbolismo juntam-se e se associam ao impulso criativo e renovador que os absorve, transformando-os e construindo um novo universo poético que apenas lembra suas origens. De um caos aparente, ressurge um cosmo, um mundo reorganizado, trazendo nova linguagem e nova direção para a poesia brasileira. Sim porque na poesia de Augusto dos Anjos já podemos constatar procedimentos poéticos que vão ser desenvolvidos na poesia do início do século XX: a liberdade das palavras na frase, a preocupação com a vida social e histórica.

O poema *Os Doentes* focaliza os problemas da cidade, com sua caminhada rumo ao progresso que destrói valores humanos em função da produção e do consumo, a cidade industrial, aniquilando aqueles que não conseguem entrar no processo: o pobre, o miserável, o velho, o poeta. Diferente dos outros, o poeta observa e pensa sobre o problema. Reconhece sua impotência diante daquela cidade "doente", e cai em angústia solidária, porque afinal é ele também um lázaro, um doente vivendo os males daquela cidade.

Vamos observar o poema A um gérmen, detectando sua relação com o Cientificismo, com o Simbolismo e com o Parnasianismo.

A um gérmen

Começaste a existir, geléia crua,
E hás de crescer, no teu silêncio, tanto
Que, é natural, ainda algum dia, o pranto
Das tuas concreções plásmicas flua!

A água, em conjugação com a terra nua,
Vence o granito, deprimindo-o... O espanto
Convulsiona os espíritos, e, entanto,
Teu desenvolvimento continua!

Antes, geléia humana, não progridas

E em retrogradações indefinidas,
Volvas à antiga inexistência calma!...
Antes o Nada, oh! gérmen, que ainda haveres
De atingir, como o gérmen de outros seres,
Ao supremo infortúnio de ser alma!
(ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. São Paulo: Edições Martin Claret, 2004)

O poema tem a forma de um soneto. Os versos são decassílabos. Na 1ª e na 2ª estrofes o 1º e o 4º versos têm acentos poéticos nas 6ª e 10ª sílabas, e o 2º e 3º versos são acentuados na 4ª, 8ª e 10ª sílabas. A 3ª estrofe apresenta tônicos nas 6ª e 10ª sílabas dos dois primeiros versos, e na 4ª, 8ª e 10ª no 3º verso. Na 4ª estrofe os 3 versos têm tonicidade nas 6ª e 10ª sílabas.

As alternâncias sonoras tônicas e átonas (assim analisadas) são um fator de construção do ritmo da forma, assim como o esquema rímico e os procedimentos sintáticos.

Quanto à rima, o poema apresenta o seguinte esquema: 1ª estrofe: ABBA; 2ª estofe: ABBA; 3ª e 4ª estrofes: CCD. Essa busca de regularidade e simetria não só contribui para Construção do ritmo, como explica o compromisso com a tradição poética. Procedimentos sintáticos como o enjambement são comuns nesse poema, e eles também, contribuem para a construção do poema. Vejamos:

"E hás de crescer, no teu silencio, tanto
Que, é natural, ainda algum dia, o pranto.
Das tuas..

A água..,
Vence o granito,....................... o espanto
Convulsiona...,"

É uma construção sintática em que o sentido de um verso se completa no outro verso, formando um encadeamento sintático semântico (do sentido) e sonoro.

Adotando essa opção formal, o poema (e o poeta) faz como o Parnasianismo e o Simbolismo, o culto da forma, mas utilizando um vocabulário da área cientifica e filosófica (o Nada-Nihilismo) e fazendo uma reflexão sobre o ser e a existência.

Entre os escritores do Simbolismo brasileiro ainda se destacam: Emiliano Perneta, Mario Pederneiras e Dario Veloso. No Nordeste floresce o grupo da Padaria Espiritual, e na Bahia surgiu um nome hoje considerado de peso, entre seus conterrâneos: Pedro Kilkerry. Segundo a crítica literária contemporânea, um dos mais inovadores de seu tempo. O poeta Augusto de Campos (paulista) produziu o mais importante documento sobre Kilkerry e sua obra, a Re-visão de Kilkerry, de 1985, publicado pela editora Brasiliense.

Aqui vai um poema do poeta baiano:

CONCLUSÃO

É responsabilidade da arte e assim, da poesia, concentrar-se no trabalho estético que a define como tal. O trabalho com a forma é um exercício inerente à arte, porque é na forma que se concretiza o ideal artístico. Então, os procedimentos e os recursos poéticos buscados e utilizados para encontrar e formular o objeto artístico são condições para a existência desse objeto.

Mas essa forma é o resultado do trabalho de aproveitamento das experiências de vida social e histórica que são articuladas, com a mediação da linguagem, que, por sua vez, é a expressão plena das vivências humanas. Como diz o filósofo Heidegger, "o homem é a sua linguagem", ou "a linguagem é o homem". Que homem? O ser social e histórico que somos.

RESUMO

Em todos os poemas que analisamos vimos a presença do humano, por mais que queira o poeta lapidar a forma. Não há forma sem o tema, e o tema é a matéria humana, da vida exterior ou interior. E a poesia simbolista brasileira, apesar de não ter posto isso como seu programa e ideal, inevitavelmente resgatou a vida, porque é dela que vem a poesia. Os poetas simbolistas brasileiros acharam sua própria forma de fazer poesia, a partir de modelos franceses. No Brasil tomaram o rumo da sofisticação formal e em alguns casos, com traços do estilo romântico, mas sem assumir diretamente uma atitude de combate às injustiças e de denúncia das contradições sociais, como fizeram a literatura romântica e realista. Cruz e Souza imprimiu à sua poesia uma dor individual que se transforma em dor do mundo. Alphonsus de Guimaraens expressou seu sofrimento individual, provocado pela doença e por suas perdas na vida. Augusto dos Anjos aliou o processo de criação poética em que o artista transforma a realidade empírica em realidade estética, criando a obra de arte, linguagem científica e reflexão sobre a criação poética e sobre a existência. Outros poetas prosseguiram sua caminhada literária pelo século XX, e entraram na produção modernista sem abandonar seu estilo de formação.

ATIVIDADES

1. Pesquise na internet e escolha um poema de Cruz e Sousa, um de Alphonsus de Guimaraens e um de Augusto dos Anjos, que não tenham sido estudados nesta aula e analise aspectos de:

a) Linguagem

b) Estrutura (forma)

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Na estrutura procure observar os aspectos:
- Gráfico: disposições das estrofes e dos versos (ou também a tipologia).
- Sonoro: repetição de sons e de recursos sonoros (inclusive rima)
- Rímico: esquemas rímicos do poema (tipos)
- Sintático: modo de organização das estrofes, dos versos e das palavras nos versos.

Na temática procure ver as principais ideias e o modo como essas ideias se organizam para formar a temática do poema: levantar as palavras-chave e as ideias-chave (observar o campo semântico no texto: a relação de sentido entre as palavras).

Para analisar a linguagem, é importante ficar atento aos seguintes aspectos:
- Seleção vocabular (escolha das palavras)
- Recursos estilísticos (poéticos) - estilo literário
- Figuras de linguagem
- Organização dos esquemas rímicos
- Organização dos esquemas rítmicos
- Procedimentos sintáticos

AUTOAVALIAÇÃO

Depois desse estudo sinto-me em condição de realizar uma análise crítica de poemas simbolistas brasileiros, abordando a dimensão temática, estrutural (formal) e da linguagem do poema?

Posso reconhecer e discutir a contribuição dessa poesia para a cultura brasileira?

REFERÊNCIAS

ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. São Paulo: Edições Martin Claret, 2004.
AUERBACH, Eric. **Introdução aos estudos literários**. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1972.
BOSI, Alfredo. O Simbolismo. In: **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2004. p. 219.
COUTINHO, Afrânio. O Simbolismo no Brasil In: **Introdução à literatura no Brasil.** 10 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. p. 214-215.
COUTINHO, Afrânio. **Cruz e Sousa.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria (dir). **A literatura no Brasil**. 7 ed. V. 4. São Paulo: Global, 2004.
CARDOSO FILHO, Antonio. **Teoria da Literatura I São Cristovão:** CESAD/ UFS, 2007.
GOLDSTEIN, Norma. **Versos, sons, ritmos.** São Paulo, 1997.
GRUNEWALD, José Lino. Charles Bawdwlaire. In: **Poetas franceses do século XIX.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.
GUIMARAENS, Alphonsus de. **Poesia.** Rio de Janeiro: Agir, 1963.
HELENA, Lucia. **A cosmo-agonia de Augusto dos Anjos.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
LUCAS, Fabio. **O caráter social da literatura brasileira**. São Paulo: Editora Quíron, 1976.
PROENÇA FILHO, Domício. Estilo parnasiano e da teoria da "arte pela arte". In: **Estilos de época na literatura**. São Paulo: Editora Ática, 1985.
PACE, Tacito. **O Simbolismo na poesia de Alphonsus de Guimaraens**. Belo Horizonte: Editora Comunicação, 1984.
SILVA, Edson Rosa da. "A poesia simbolista". In: VASSALO, Lígia et alii. **Poesia sempre**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1985, p. 108-126.
CRUZ E SOUZA. **Poesias completas.** Rio de Janeiro: Ediouro, s.d
__________. **Obra completa**. Rio de janeiro: José Aguilar, 1961.

www.passeiweb.com/saiba_mais/biografias
http://www.mundocultural.com.br/index.asp?url=http://www.mundocultural.com.br/literatura1/simbolismo/